2

Psicanálise (Fundamentos Clínicos)

A teoria psicanalítica, sob a representação de qualquer um de seus autores, está longe de ser definitiva, ou mesmo linear. Mas no decorrer de seu percurso, tem desenvolvido ferramentas bastante operativas para o trabalho em saúde mental. Exatamente por isso, passaremos ao estudo de alguns destes conceitos, em especial o de psicose. Tendo-os em mente, entenderemos melhor de que lugar clínico partirá Oury para formar seu corpo teórico. Vejamos:

2.1

Freud e Schreber

Foi apoiado no Livro de Schreber que Freud publicou pela primeira vez sua teoria sobre a psicose²³. Portanto, a fim de compreender melhor de onde partirão as definições tanto freudianas quanto lacanianas sobre a psicose, um fragmento de sua história será rapidamente recontado.

Doutor em direito, Daniel Paul Schreber (1842-1911), veio de uma família de influentes personalidades intelectuais de sua época; burgueses protestantes que buscavam notoriedade intelectual desde o século XVIII, e cujas obras tinham como tema geral a moral e o bem comum (Santi, 2004). Era considerado por seus pares, e tido como um homem bastante inteligente.

Foi adulto que teve sua primeira crise nervosa, entre 1884 e 1885, classificada como hipocondríaca. Oito anos mais tarde, sem que neste período tenham sido relatados quaisquer sintomas psiquiátricos, a vida transcorria bem. Até o momento em que é nomeado para o cargo de juiz presidente do Tribunal de Apelação de Dresden. Pois, no intervalo entre sua nomeação e posse, entre o estado de sono e vigília, é arrebatado pela idéia de que: "afinal de contas, deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula" (Freud, 1976 [1911], Vol.

²³ É importante ressaltar que antes desta publicação, Freud já se interessava sobre o tema, entendendo a psicose (na época paranóia) como uma defesa (como a histeria e a neurose obsessiva). Para maiores esclarecimentos, ver seus dois artigos sobre as Neuropsicoses de defesa de 1894 e 1896.

XII, p. 61). Idéia esta a que Schreber reage com imensa indignação. Pouco tempo depois deste pensamento, é internado. Durante a internação é acometido de uma experiência que, segundo ele, determina sua crise; em uma noite, durante curta viagem da esposa, é invadido por múltiplas ejaculações.

Após vivenciar esta experiência, Schreber se desorganiza, apresentando vários sintomas, como delírios (ter se tornado um cadáver, ter seu corpo manipulado de formas aviltantes, idéias hipocondríacas) e alucinações auditivas e visuais. É neste contexto que aparece a vivência do "crepúsculo do mundo" (Ibid., p. 92). Ou seja, em termos freudianos, a retirada do mundo externo da energia de ligação entre o sujeito e seu entorno (Ibid., p. 94). A projeção de sua catástrofe interna, a representação que seu mundo subjetivo chegou ao fim. Exemplificando esta retirada, temos o momento em que se refere como um cadáver em decomposição carregando outro cadáver. Ou o momento em que vê a notícia de sua morte em jornal (Ibid., p. 95)²⁴.

Freud inicialmente interpretou a irrupção de quadros psicóticos como defesa contra uma fantasia homossexual, ressaltando, porém, que apenas a presença deste desejo não explica a paranóia, uma vez que também aparece nas neuroses de transferência, como a histeria e a neurose obsessiva. Para explicar a origem do desejo homossexual na paranóia, Freud propõe uma fixação no narcisismo, também caracterizada pelo desinvestimento libidinal em objetos do mundo externo e retorno da libido ao eu. Ou seja, o desejo se fixa na posição homossexual, frustra-se pela impossibilidade de se apresentar como tal, e, em algum ponto, regride, eclodindo em mecanismos projetivos, como a paranóia, e ou idéias delirantes. Freud observa ainda, que:

"... a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de construção" onde o sujeito tem a possibilidade de reconstruir seu mundo, "não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele" (Freud 1976 [1911], v. XII, p. 94-95).

²⁴ Exploremos este momento com cuidado e de vagar, sem esquecer que a retirada de investimentos libidinais não ocorre exclusivamente em pacientes psicóticos. Basta nos lembrarmos das vezes em que, por razão de um luto qualquer, por exemplo, também retiramos nossa energia do mundo externo. Entre os que encontram substitutos, geralmente o fazem em outros objetos externos, já outros parecem concentrar a libido em si mesmo. Freud propõe, para este último recurso, um quadro de psicose (Ibid., pág. 98).

Mas o ponto que parece ser essencial na elaboração freudiana, sobre o mecanismo da paranóia recai sobre a formação do recalque. Pois algo é abolido internamente e ao retornar, o faz desde fora. É neste ponto que insistirá Lacan para propor um modo específico de abolição interna, que distinguirá do recalque e chamará de foraclusão. Vale a pena nos determos um pouco mais neste termo, em especial no mecanismo de sua formação, dividida em três fases, para entendermos melhor o que significa:

A primeira fase é a fixação, onde determinada pulsão (que para nosso entendimento imediato pode ser definida como um impulso perene para ação) descola-se de outras pulsões, no sentido de sua satisfação (caminho previsto em seu desenvolvimento), e em consequência desta “inibição”, permanece em um estágio mais infantil. É justamente esta fixação, que se tornará condição de possibilidade para haver todo e qualquer recalque. Neste ponto, ainda não há uma separação entre consciente e inconsciente.

A segunda fase é o recalque²⁵ propriamente dito, que já é um processo advindo do ego, onde tanto estas pulsões fixadas, quanto quaisquer outras tendências psíquicas que despertem forte aversão, são passíveis de recalque. Contudo, para que este se dê é preciso a conjugação de duas forças trabalhando na mesma direção: a repulsa exercida pelo sistema consciente e a atração exercida pelas forças inconscientes.

A terceira fase é o retorno do recalcado, que representa uma falha deste processo, ou seja, a irrupção do que foi recalcado a partir do ponto de fixação, implicando uma regressão do desenvolvimento libidinal ao ponto em que estava quando foi recalcado (Freud, 1976b, p. 90-95).

Nos termos de Freud teríamos:

... Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Com isto, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. (...) A segunda fase da repressão, a repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamentos que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. Por causa dessa associação, essas idéias sofrem o mesmo destino daquilo que

²⁵ Neste sentido o próprio termo em alemão será bastante ilustrativo: o verbo *verdrängen* remete a uma sensação de sufoco, incomodo, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Contudo, apesar de ter sido afastado, tal material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforço para mantê-lo longe (Hanns, 1996).

foi primeiramente reprimido. Na realidade, portanto, a repressão propriamente dita é uma repressão posterior. (...) Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente (Freud 1915, p. 171).

Freud percebe, especialmente nas alucinações e nos delírios, que estes constituem uma tentativa de reinvestimento libidinal nos objetos exteriores. Mas isso não é tudo. Freud percebe também, que esta tentativa de reinvestimento é mais que a projeção do que foi suprimido internamente; na psicose (chamada por Freud de demência precoce ou esquizofrenia) também ocorre um desligamento da libido, o recalque propriamente dito, e sua regressão ao ego. Mas seu ponto de fixação e seu retorno, formação dos sintomas seriam distintos da paranóia. Quanto à devolução da libido aos seus objetos, na paranóia esta ocorreria menos por meio da projeção, e mais em função das alucinações. Já o ponto de fixação estaria em algum lugar no começo do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetual, uma vez que a regressão não se limitaria apenas ao narcisismo como na paranóia, mas a um total abandono do amor objetual e a um retorno ao auto-erotismo infantil.

Uma vez apresentadas, ainda que muito superficialmente, estas noções freudianas, temos alguns subsídios para rascunhar resposta à uma pergunta inicial: Como a defesa frente a uma fantasia homossexual pode ser motivo desencadeante do delírio paranóico? Guardemos esta referência, pois nos será útil para por luz sobre as contribuições de Lacan sobre o tema, vejamos.

2.2

Foraclusão

Para Lacan, o momento de desencadeamento da psicose corresponde ao momento em que, frente a determinados acontecimentos e vicissitudes da vida, o sujeito precisa se valer do significante Nome-do-Pai, mas neste momento, nada lhe vem ao auxílio, eclodindo a psicose.

Para entendermos o que quer dizer Nome-do-Pai usaremos uma bela alegoria de Lacan, onde o conceito aparece como uma estrada principal sobre a qual se agruparão vários significantes, permitindo, também, passagem para algumas significações. O psicótico não teria esta estrada principal, vagando por

estradas vicinais, guiado, talvez, por uma ou outra placa, advinda de sua capacidade em significar seus delírios e alucinações²⁶.

Talvez pudéssemos dizer que fardo e delícia da vida é caminhar significando suas vicissitudes. De tal modo que aquilo com que se depara, se não aparece significado no simbólico, aparecerá buscando sê-lo no real. Ou, dizendo de forma freudiana, o que foi internamente abolido, retorna deste fora (Freud 1976 [1911], v. XII, p. 95).

Apontamos, adiantando um pouco, um outro aspecto radical da ausência desta estrada principal;

...o significante não é nunca solitário, como ele sempre forma alguma coisa de coerente – é a significância mesma do significante - a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante. (Lacan, 1988 [1956], p. 231).

Se com estas noções iniciais abrimos nosso apetite, vamos avançar com mais vagar na direção do prato principal: Lacan vai distinguir neurose e psicose a partir da ocorrência, ou não, do recalque: enquanto na neurose, ou melhor, nas diferentes formas de neurose, este se daria conforme descrito anteriormente, na psicose, ou melhor, nas diferentes formas de psicose, ocorreria a forclusão²⁷ do

²⁶ Vamos à citação: “A estrada principal é assim um exemplo particularmente sensível de que lhes digo quando falo do significante enquanto ele polariza, engancha, agrupa em feixes as significações. Há uma verdadeira antinomia entre a função do significante e a indução que ela exerce no agrupamento de significações. O significante é polarizante. É o significante que cria o campo de significações. (...) Que será que se passa quando não temos, a estrada principal, e quando somos forçados, para ir de um ponto ao outro, a adicionar os pequenos caminhos uns aos outros, os modos mais ou menos divididos de agrupamentos de significação. Para ir deste ponto àquele, teremos a escolha entre deferentes elementos da rede, poderemos fazer nossa rota assim ou assado, por diversas razões, comodidade, vagabundagem, ou simplesmente errar na encruzilhada. (...) Para levar um pouquinho mais adiante ainda a minha metáfora, eu lhes direi como fazem os usuários da estrada quando não há a estrada principal, e que se trata de passar por pequenas estradas para ir de um ponto ao outro. Eles seguem os letreiros na beira da estrada. Isso quer dizer que ali onde o significante não funciona, isso me põe a falar sozinho à beira da estrada principal. Ali onde não há a estrada, as palavras escritas aparecem nos letreiros. Talvez seja isso a função das alucinações auditivas verbais de nossas alucinações – são os letreiros à beira de seu pequeno caminho” (Lacan, 1988 [1956], p. 328, 329, 330).

²⁷ Conforme explicado por Fink (1998, p. 217), a quem referimos para uma explicação mais detalhada, este é um termo jurídico que designa um processo cujo prazo legal de apelação foi perdido. Deste modo, um processo “forclos” é um processo legalmente encerrado, mas que não existe.

Nome-do-Pai. Para entendermos o que isto significa, necessitamos de mais algumas ferramentas; que são Real, Simbólico, e Imaginário²⁸.

Começamos destacando alguns dados. Já foi mencionado que com Lacan, (1) podemos dizer que as psicoses seriam um “acidente no simbólico”. (2) E por simbólico, entendemos o mundo da linguagem. (3) A porta de entrada deste mundo da linguagem seria a castração. Ponto que Freud já tinha chamado atenção como central em qualquer experiência humana de vida, e que é retomada por Lacan em uma dimensão simbólica partindo da função fálica. Doravante (4) entendida, esta função fálica, como desejo. É esta função, por exemplo, que organiza a sexualidade infantil. (5) Por ser o significante do desejo, ela não se localiza em um objeto específico, ou em um significado determinado, mas na própria falta de significado ou inscrição. Esta discussão sobre a função fálica é fundamental porque para Lacan, (6) o psicótico apresenta justamente uma falha nesta função²⁹.

Que falha seria essa?

2.3

Os três tempos do Édipo

Para podermos entendê-la, a falha, temos que falar sobre castração, falar sobre o Édipo, pois se dissemos que o psicótico sofre de um “acidente no simbólico”, e o simbólico remete à linguagem, a entrada desta começa no Édipo, esta grande “armadura significante” (Santos, 1991, p. 81).

²⁸ Permito-me novamente, trazer uma citação bastante extensa, porém esclarecedora sobre estes conceitos: Que os elos sejam indestrutíveis, todos os três da mesma maneira, isto pode se imaginar dizendo que eles estão enodados. Ao que se acrescenta que eles estão enodados borromeamente. Sabe-se o que isto significa: que é impossível - isto é o real do nó - desfazer um destes elos sem que, ao mesmo tempo, os dois outros - eles são distinguíveis: isto é o simbólico do nó - sejam liberados. Daí se imagina pela representação - isto é o imaginário do nó - que nada existe como real que não deva, como tal, se escrever -, e se representar - ao ponto que inclua o irrepresentável. Nada escapa à esta necessidade borromeana que o nó representa, e nem mesmo o próprio nó que, quando vemos, é igualmente real (pois há um impossível marcando o desatamento), simbólico (pois os elos se distinguem em letras R, S e I), imaginário (pois os elos de barbante podem fazer realidade manejável). Mais ainda, cada elo, R, S ou I, é ele mesmo, como tal, real (pois é irreduzível), simbólico (pois faz *um*), imaginário (pois faz *elo*). Dizendo de outra forma, algo não cessa nunca de existir, algo não cessa nunca de se escrever - se ao menos, como se supõe, isso fala -, enfim, algo não cessa nunca de se representar. (Milner, 2006)

²⁹ Existe um mundo de dissertações e teses sobre a psicose em Freud e Lacan, mas para não iniciados interessados em uma apropriação rápida de conceitos importantes, indicamos, Bruce Fink e Fernando Tenório. Ver Bibliografia.

Lacan divide o Édipo em três momentos: o primeiro de ser ou não ser o falo da mãe. De ser ou não ser seu objeto de desejo. A criança encontra-se em uma relação do tipo “fusional” com a mãe. O processo é de identificação, facilitado, não podemos esquecer, pelos cuidados e as necessidades satisfeitas pela mãe, que de certa forma induzem à situações em que a criança se faça objeto do que supostamente faltaria à mãe. Acabando assim a querer constituir-se propriamente como o “falo materno”.

O segundo momento aponta para a entrada de um terceiro na relação mãe bebê, função paterna. Que ao se apresentar, traz consigo a castração, uma vez que diz (de modo bem grosseiro, e ilustrativo), algo como: “... se você é ou não o objeto de desejo desta função materna, eu não sei, mas esta não é, e nem será tua”. A mediação do pai possui um papel decisivo. Sua chegada, como podemos supor, se dá por um sentimento de privação. (O pai entra em cena privando a mãe do objeto de seu desejo). A causa da frustração é mostrar quem é o “possuidor da mãe”. Este é o tempo da aceitação da lei, criando uma significação nova para a criança, sendo apresentada diretamente à castração, passando a simbolizar o pai. Ou seja “... a colocação substitutiva do pai como símbolo ou significante, no lugar da mãe” (Lacan 1999, p. 187).

Se isto acontece, e não precisa ser com modos tão pouco gentis, a identificação da criança como falo da mãe é recalcada, e a mãe passa a olhar para alguma outra coisa que não só a criança, abrindo caminho para o desejo do filho, de no mínimo, olhar para onde a mãe também olha. Dito isso, entendemos que a função paterna é a função significante Nome-do-Pai, instaurador de uma falta simbólica para o bebê, instaurador da castração. Ao mesmo tempo organizador da sexualidade.

No terceiro momento, ocorre o declínio do complexo de Édipo. As regras do jogo não são mais ser ou não ser o objeto de desejo, mas ter ou não ter o falo. Seria algo como: “Ok, minha função paterna já mostrou que não passarei toda vida junto à minha função materna... mas mostrou com isso que existem outras “funções” por aí. Vou ver o que posso fazer para me tornar tão interessante para estas outras “funções” quanto eles foram um para o outro”. Neste momento, ocorrem identificações diferenciadas para meninos e meninas; os meninos se identificando com o pai e afirmando terem o falo, e as meninas tendo o pai como objeto de amor buscando nele o que sabem não ter. Neste momento termina a

rivalidade fálica em torno da mãe. Ocorre a simbolização da lei. O pai não aparece mais como um falo rival, e não priva mais a mãe de possuir desejos.

O essencial da passagem pelo Édipo, ao menos para a constituição de uma organização neurótica, é que a mãe funde o pai “como mediador daquilo que está para além dela e de seu capricho, ou seja, (...), a lei como tal” (Lacan 1999, p. 197).

Para Lacan, o segundo tempo, na psicose não ocorre. A mãe aparece completa ao supor que não lhe falta nada, imaginarizando o filho como falo, e inviabilizando a entrada do Pai. Não se inscrevendo, assim, lei alguma nesta relação mãe bebê. No lugar de recalque da posição de falo da mãe, na psicose se daria a - Foraclusão do Nome-do-Pai -. Uma vez dada esta foraclusão, o sujeito encontra-se na impossibilidade de operar uma mediação simbólica que castre, domestique o real. Nas psicoses não há de fato recalque, logo, realização simbólica do sujeito do inconsciente, mas um retorno diretamente no real do que não pode ser simbolizado. Diversamente, na clínica das neuroses o real recebe um tratamento preliminar através da metáfora paterna que pode ser considerada, com efeito, como um tratamento preliminar de tudo aquilo que retorna do real: seu resultado é uma castração (da mãe) que abre simbolicamente o lugar do sujeito (Lacan, 1998, p.557).

Com esta foraclusão, um psicótico erra (no sentido de uma errância), por cadeias significantes, pelo simbólico, pelas palavras, sem um ponto organizador, uma lei, uma articulação entre pontos ou frases. Muitas vezes procurando este ponto de articulação nas palavras de outros, em atividades repetidas, idiosincrasias, coleções, e tantas outras coisas tão diversas quanto as próprias palavras que os atravessam.

É fato que todos são falados ou atravessados por palavras, mas neuróticos, por exemplo, como possuem uma forma de recalque, que permite a possibilidade de fazer metáfora, são cotidianamente surdos a estes atravessamentos. Barrando-a ou filtrando-a conforme a ocasião permite. Já os psicóticos, estão mergulhados nestes atravessamentos. Tendo que confeccionar instrumentos muito particulares para lidar com cada situação, ao invés de uma lei geral que organize qualquer ação. Nos lembremos da bela imagem feita por Lacan sobre estrada principal e estradas vicinais.

2.4

O Imaginário

Quando não é possível contar com uma amarração simbólica, por vezes, pode-se com uma imaginária. A “identificação” com seu semelhante. Mas um semelhante dotado da capacidade de dizer quem você é. Vejamos.

Como se fosse uma voz alucinada, o psicótico pode desenvolver relações como se olhasse para o espelho, ou seja, como se o outro ou mesmo a voz, fossem sua própria imagem³⁰. Vejamos como isso pode acontecer.

O imaginário para Lacan, ao menos em um primeiro momento, é entendido como registro da ilusão de completude e de unidade. Para demonstrar como a imagem é formada, elaborou o estágio do espelho no qual a criança, partindo da imagem do outro, constitui sua própria. No seminário de 1956-57/1995 – “A relação de objeto” – Lacan afirma:

...o estágio do espelho está bem longe de apenas conotar um fenômeno que se apresenta no desenvolvimento da criança. Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual (p. 15).

Dessa forma, o estágio do espelho acaba por definir algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em jogo no final das contas é o advento da alteridade; afirma Ogilvie, (1991, p. 112).

A criança reconhece sua imagem no espelho com uma manifestação de júbilo e com a efetuação de uma operação de identificação entendida como “...a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem...” (Lacan, 1966, p. 94). A identificação é, então, a parcela de atividade que cabe à criança mediante a percepção de uma imagem que lhe vem do exterior. Essa assunção da própria imagem pela criança é o que originalmente precipita a construção do “eu” conferindo-lhe sua forma primordial: o “eu” ideal, forma que será a fonte de todas as identificações secundárias responsáveis pela função de normalização libidinal e que representa o caráter estático e permanente do eu, “...a armadura enfim

³⁰ Apesar disso, vale ressaltar, que salvo nos momentos em que a vida impõe uma amarração simbólica, é desta forma que muitas pessoas (pacientes ou não), levam a vida razoavelmente bem. Basta lembrarmos de Schreber, que só aos 51 anos de idade desorganiza sua linha de vida.

assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1966, p. 97).

Esta construção se dá em três momentos, que são: (1) momento de indistinção entre si mesmo e o outro. (2) Alguma distinção entre a imagem do outro no espelho e o outro enquanto representante da “realidade”. (3) Reconhecimento do reflexo no espelho como imagem própria e, conseqüentemente, experiência de unidade corpórea. O mais importante destes três momentos é a formação da imagem de si partindo da imagem do outro, que é exterior ao sujeito. Esta característica é fundamental, pois mostra como é constitutiva a alienação e a dependência presente no imaginário, além da sua capacidade de unir e fazer laço.

Já sabemos até aqui, que a Forclusão do Nome do Pai ocorrida na psicose leva o sujeito à não encontrar em sua amarração simbólica auxílio quando alguma vicissitude da vida se coloca, exigindo uma resposta que pelo simbólico não é possível oferecer. Mencionamos que nestas ocasiões o imaginário pode vir “em socorro” para que a vida se dê mais ou menos bem, sem grandes rupturas ou fragmentações. Se pegarmos o esquema do espelho, veremos que pela via das identificações é possível encontrar alguma sintonia na relação com outro que dê conta de apaziguar o furo presente no simbólico. Por meio destas e, sobretudo, dependente destas, o sujeito pode afirmar alguma coisa, ou encontrar subsídios para confeccionar uma ferramenta de articulação entre si e o outro.

Um paciente que acompanhei pode ilustrar bem o que estas identificações imaginárias querem dizer: Z., por volta de seus dezessete anos abre a primeira crise quando, envolto em algumas mudanças de comportamento, e a morte de seu padrasto, passa a não reconhecer seu reflexo no espelho, mas borrões disformes. Algum tempo depois, desses borrões vão surgindo figuras estáveis, porém, horripilantes, como fantasmas e/ ou vampiros. Depois de algum tempo de tratamento, e já com sua imagem no espelho sendo reconhecida com própria, passa a apresentar uma curiosa característica com a equipe que o tratava; com cada membro da equipe se comportava de uma forma diferente, nos surpreendendo sempre com imitações de nossas falas e maneirismos. O mesmo acontecia entre seus familiares, chegando a adotar posturas e comportamentos próximos dos estereótipos que captava dos que dele se aproximavam por algum tempo e desenvolviam uma relação afetiva. Com o passar de mais algum tempo

(anos), Z. foi se interessado por uma determinada igreja evangélica, e em especial pela posição de pastor. Na medida em que este interesse foi se solidificando, mais e mais suas personalidade se moldava a este significante. Até que começa efetivamente a fazer parte de uma escola de formação e preparação de pastores, abrindo uma segunda crise no decorrer deste período.

Lacan traz novamente uma bela imagem para explicar melhor esta relação:

“Nem todos os tamboretas têm quatro pés. Há aqueles que ficam em pé com três. Contudo, não há como pensar que venha faltar mais um só senão a coisa vai mal. Pois bem, saibam que os pontos de apoio significantes que sustentam o mundinho dos homenzinhos solitários da multidão moderna são em número muito reduzido. É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito em certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com este defeito que existe desde sempre”. (Lacan, 1988 [1956], p. 231).

Usando outra bela imagem lacaniana, antes do surto psicótico, ou melhor, no período pré-psicótico, o “peso” da realidade é sustentado sobre bengalas imaginárias.

Lacan valorizava o momento de abertura de uma crise, segundo ele, momento de impossível apelo ao Nome-do-Pai. Estes apelos, como dissemos, ocorreriam em situações onde se fizesse necessário um terceiro, vindo de outro lugar, e o obriga a respostas inexistentes, inarticuláveis. Esta trilha talvez, nos ajude a entender porque em situações em que nossos pacientes psicóticos se vêm diante alguma vicissitude (mudança ou novidade), fica um certo mal estar, ou mesmo pode ocorrer a abertura de uma crise. Não nos esqueçamos:

“O que não aparece no simbólico, aparece no real” (Lacan, 1966, p. 388).
Ou: “Aquilo que foi internamente abolido, retorna desde fora” (Freud, 1976b, p. 95). Ou ainda, nos valendo de Solal Rabinovitch para quem o retorno do foracluído vem localizar o nada do inconsciente e o vazio do Outro:

Entre os presos do lado de fora, pensamentos, vozes, sensações vêm de fora; sua publicação (retorno) os localiza no sistema percepção-consciência, onde eles não podem inscrever-se, mas apenas experimentar-se... Localizado no vazio criado pela abolição de inscrições mnésicas, o retorno do foracluído habita esse bizarro lugar psíquico, onde nada se imprime como uma marca, mas onde não cessa de reaparecer, levado, suportado pelo que se ouve, pelo que se vê, pelo que se sente, pelo que se lê, o significante lançado nas trevas exteriores (Rabinovitch, 2001, p.111).

Nestes momentos em que a metáfora paterna não vem em seu auxílio, permitindo alguma simbolização, ocorre um dilaceramento imaginário, e muitas vezes a vivência de um “crepúsculo do mundo” se outorga ao psicótico. Como ilustra Z.

Com a abertura de um surto psicótico, o saber no qual o psicótico se organizava fora da crise, a sustentação de seu banquinho, não vale mais, e se revela o “crepúsculo da realidade”, trazendo a vivência de “fim de mundo”, a clareza da morte, a falta de sentido, o encontro, sem véu, com o real sem mediação simbólica. O sujeito “encarna” a fragmentação, a deformação da imagem, o despedaçamento do corpo, é invadido, mortificado, ficando à mercê do mundo. Errante.

A saída muitas vezes encontrada para este dilaceramento imaginário pode ser, como dissemos, a confecção de uma significação totalmente particular, uma ferramenta artesanal para moldar artesanalmente um significante, e, com isso, tamponar a ausência da metáfora paterna e suas conseqüências nefastas. É o que Freud atribuía ao delírio, como tentativa de reconstrução e cura, e Lacan denominava “metáfora delirante” (Lacan 1958, pág. 584). Onde além de confeccionar uma significação viável para poder existir, funda nela uma filiação. Z. mostra isso, mas o mais conhecido exemplo deste trabalho artesanal está em Schreber, que conseguiu se estabilizar durante vários anos, quando passou a fazer parte de seu cotidiano e vivências a certeza de ter sido escolhido por Deus para ser sua mulher e fundar uma nova raça de homens. Vale a pena destacar, que a certeza desenvolvida pelo psicótico, é diferente de uma crença neurótica, por exemplo. Esta última também está sujeita a dialetização e limite, comporta dúvidas, castração. Com o psicótico, é uma verdade toda, tem que ser assim, como importa porque ou como. Não se tratando de uma compreensão, mas, muito mais de uma revelação.

2.5

O Real

Bom, se estamos bem até aqui, já trilhamos o simbólico e o imaginário, nos faltando falar sobre o real. Mas primeiro, vamos diferenciá-lo de realidade. O Real em Lacan, é o que *existe*, sem o qual não há nada que haja. Já o todo do

representável, se chamará realidade. É o corpo da criança antes de dominar a ordem simbólica, antes de, por exemplo, aprender os costumes do mundo.

Mas o que isso quer dizer?

No dia a dia do senso comum, usamos realidade como “aquilo que existe efetivamente e é partilhado pelo conjunto das pessoas tendo tal existência”. E real, como “o que existe de fato”. Ambas as definições foram retiradas do dicionário Aurélio. Em Lacan, deslocamos a questão da existência do real, que se torna justamente o que não existe, mas que produz efeitos, provoca, e afeta. É um tipo de tecido inteiro, indiferenciado, que se aplica a qualquer coisa, do universo a sapos. A divisão deste tecido em zonas separadas é resultado da ordem simbólica, que corta o pano do real, criando subdivisões, lacunas e formas distintas, eliminando assim, o real, neutralizando-o, melhor dizendo, e criando a realidade. Realidade entendida como aquilo que pode ser nomeado pela linguagem. Neste sentido, podem entender como a linguagem cria coisas que não tinham existência antes de serem verbalizadas³¹. E verdadeiro, neste sentido, seria então, o momento em que o sujeito topa com o real (aquilo que ainda não foi simbolizado). Nas palavras de Lacan (1988 p. 224) teríamos:

“... o Real poderia ser “A Verdade”, mas uma verdade jamais atingida pela representação, e à qual só temos algum acesso através de “encontros faltosos”, ou seja, afetações provocadoras de angústia e desprovidas de qualquer sentido. Esta noção de “encontro faltoso” talvez seja a fórmula mais aproximativa do que se passa no encontro/ desencontro, ou poderíamos dizer “topada”, do sujeito com esse Real”.

Lacan chama de *Tique* este encontro que falta, um termo grego cujo significado é fortuna, boa ou má sorte. Destacando-se aí a noção de surpresa, acaso, inesperado. Assim, definimos Real como algo inapreensível, sempre retornando do mesmo lugar e que não para de se inscrever.

Se no início falamos que a mudança em um dos três registros muda os outros, e já sabemos que existe no psicótico um “furo no simbólico” (ao invés da constituição da metáfora paterna e do recalque, forclusão do Nome-do-Pai), como se dá o encontro com este Real?

³¹ É por isso que Lacan diz que o real “ex-siste”, ou seja, existe separado de nossa realidade. Este termo ele pegou emprestado de Heidegger. (Fink, 1998)

A primeira consequência é a impossibilidade de barrar a influência de outra pessoa sobre si mesmo, barrar o gozo do outro. Um psicótico, e isso é sentido especialmente nos momentos de crise, fica sobre os efeitos desta “influência” do Outro³². Um outro que aparece como não castrado, todo poderoso. Não há como se isolar da presença deste outro, que com seu olhar, pensamento, presença, movimentos, invade com significados, propostas, palavras ou comandos avassaladores. Se um neurótico responderia a este jogo de olhares e gestos tão próprio dos seres humanos como uma pergunta, talvez; O que será que o outro quer de mim? E acompanhando esta pergunta, as mais diversas fantasias. Um psicótico responderia com seu corpo, e muitas vezes, como o relato na introdução, com sua vida.

Esta mesma sensação de estar nas mãos de outro tão poderoso, submetido a seus caprichos, pode ser vivida de diversas maneiras, tanto por meio de alucinações, que por sua vez podem ser imperativas, depreciativas, hostis, jocosas, entre outras, quanto por meio de uma sensação de abandono, um abandono tão radical, que se torna deriva, margem do mundo, exclusão. Pessoas como Jonas testemunham esta exclusão tão radical quando, mesmo sem um quadro auto e heteroagressivo, permanecem “errando”.

Lacan vislumbrou que, além de poder sair desta situação errante (ou julgo a este outro todo poderoso, não barrado) com a confecção de uma metáfora delirante, um saber total, não dialetizável, ao querer deste outro. Um psicótico poderia “*pousse-à-la-femme*”, ou empuxo-à-mulher. E aqui, mais uma vez Schreber vem em nosso auxílio; lembremos que ele tem certeza de que Deus lhe exige manter-se num estado constante de gozo, de tal forma que, para satisfazê-lo, tem que se esforçar por todos os meios para proporcionar-lhe gozo, o que é uma contradição, só resolvida pelo gozo Outro, isto é, se transformar em mulher.

³² O que seria este Outro com O maiúsculo? De forma muito esquemática dizemos estar o inconsciente, transbordando de desejos de outras pessoas, como o de nossos pais (que nos imaginam isso ou aquilo), nos avós (que nos querem gordinhos, cheios de filhos, para terem netos com quem brincar), parceiras (os), (que nos querem assim ou assado), entre tantos outros. São tantos desejos sobre nós, e de tantas formas, que alguns nos afetam sem que saibamos o que são ou de onde vêm. Este Outro, portanto, é o discurso e desejos dos outros a nossa volta na medida em que estão internalizados. Porém, ainda que internalizados, podem, e muitas vezes os são, estranhos a nós mesmos. Daí, a importância do Outro dentro do “indivíduo”. Com esta referência, podemos derivar que Outro pode ser, linguagem, demanda, desejo, gozo. Para o conceito de Outro cf. Restos, verbete Outro.

Experimenta a sensação de que seu corpo se feminiza, fenômeno que, na psicose, Lacan nomeou *eviração*³³ (Goyatá, 2003).

De acordo com seus pressupostos, a mulher também não está totalmente atrelada à lei fálica, ela é “não toda”, e, por vezes, um psicótico pode recorrer a referências a mulher para dar conta de sua condição, também de não atrelada à lei fálica. Há no seminário 3 uma referência a esta questão: falando sobre Dora, Lacan propõe

O que é ser uma mulher, e especificamente, o que é um órgão feminino? Observem que nós nos encontramos aí diante de alguma coisa de singular – a mulher se interroga sobre o que é ser uma mulher, da mesma forma que o sujeito macho se interroga sobre o que é ser uma mulher (Lacan 1988, p. 197).

Foi tendo estas referências em mente, que Lacan, diferente de Freud, argumentou que o que ocasionou a irrupção da psicose de Schreber não seria a defesa frente à fantasia homossexual, mas sim o apelo do simbólico frente à promoção para o cargo de juiz presidente do Tribunal de Apelação de Dresden. A questão homossexual para Lacan, portanto, seria efeito da falta da inclusão do Nome-do-Pai (foraclusão); falta de mediação simbólica entre um sujeito e mundo.

Um psicótico, deste modo pode se oferecer ao outro para que este goze deste, mas com uma diferença importante, ele também pode gozar. È o que Lacan nos diz de Schreber: “... por não poder ser mais o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (Quinet, 1990. op. Cit., pág.26).

Souza (1991) traz outra contribuição bastante interessante; ela lê este empuxo-à-mulher como estando em direção à vida. Contrapondo à este, um “arremesso-à-morte”, expressável tanto na “inércia psicótica”, aquele vagar errante, pra lá e pra cá, quanto, mais radicalmente, no suicídio.

³³ Lacan, na Questão Preliminar..., argumenta que, ao abrir-se no campo do imaginário a hiância que corresponde à falta da metáfora simbólica, a saída da sexualidade de Schreber só poderia se resolver na efetivação da emasculação. Objeto de horror para o sujeito, inicialmente, depois aceito como compromisso razoável, e, desde então, decisão irreversível. O órgão sexual passa a uma reabsorção pacífica nas entranhas do sujeito porque ele não sofreu castração real no complexo do mesmo nome, logo, Lacan sugere o termo *eviração* como tendo o mesmo sentido que emasculação (Lacan 1957-58/1998 p. 570/571).

2.6

Recapitulação

Bom, hora de fazermos uma recapitulação do que temos até o momento. Começamos trazendo fragmentos da história de Schreber e respectiva leitura de Freud sobre os eventos descritos pelo mesmo em sua biografia. Neste sentido, destacamos o mecanismo da paranóia recaindo sobre a formação do recalque. Após descrever este mecanismo, apontamos que Lacan vai distinguir neurose e psicose a partir da ocorrência ou não do recalque; nas neuroses conforme descrito, e nas psicoses com a forclusão do Nome-do-Pai. Para entendermos este conceito, nos valem de noções sobre Real, Simbólico, e Imaginário. Os tendo em mente, apontamos que serão entorno de um “furo no simbólico”, que se darão as alterações concernentes à psicose. Com isso, chegamos no aspecto fundamental da conceituação lacaniana acerca de determinação das psicoses: o que faltou, para o psicótico, como Lacan sustenta no seminário 3, e no texto "Questão Preliminar", foi a incidência da função paterna no Édipo, necessária para proporcionar ao sujeito o acesso ao uso estruturado da linguagem. Mencionamos ainda as formas possíveis de não sucumbir totalmente aos efeitos deste furo que um psicótico pode desenvolver ao longo de sua vida, como identificações imaginárias ou empuxo à mulher. Evitando assim, o que Schreber nomeou de “crepúsculo do mundo”. Nos cabe agora perguntar o que podemos fazer com estas referências. Que características um dispositivo de tratamento em saúde mental deve ter para poder tratar pessoas que padecem da condição descrita? E é por isso que entraremos no campo da Psicoterapia Institucional Francesa (doravante PI) tal como proposta por Oury e outros. Foi para podermos ter subsídios melhores para entendê-la que percorremos seu contexto histórico no primeiro capítulo e seus pressupostos ligados à psicanálise no segundo. Nos valendo tanto de uma teoria sobre a psicose para pensar um dispositivo, quanto da história da instituição psiquiátrica para pensar o seu contexto. Iniciaremos nossa descrição sobre a P.I. como uma espécie de “vão de pássaro”, carregado de citações do autor para nos ajudar na visualização de seus conceitos. Este “vão”, se dará por estar, a PI (como também o está a psicanálise) em uma malha conceitual que nos exigirá uma breve menção aos seus termos gerais para um entendimento mais detalhado no Coletivo, conceito que elegeremos como sendo o principal para o entendimento de como

um dispositivo poderá tratar este “furo no simbólico”. Já as longas citações, como dissemos, servirão para melhorar a qualidade do nosso vôo e também para oferecer direto do original, formulações ao leitor de língua portuguesa que não esteja acostumado ao idioma francês, e aos que trabalham com P.I., uma mostra ainda inédita entre nós dos conceitos de seu principal autor, Jean Oury.